

MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O CASO DO SUDOESTE DO PARANÁ (1950-2000)

Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia¹

Introdução

A presente pesquisa leva em conta a relevância da formação de professores, bem como da importância da memória dos profissionais da educação como essencial para pensar estratégias teóricas e práticas. A investigação busca contribuir para compreender a história da educação da região Sudoeste do Paraná. Utilizando-se da metodologia de pesquisa qualitativa. Foi selecionado um grupo de pessoas a serem entrevistadas, as quais eram professores aposentados ou ex-gestores dispostos a fazer um relato oral gravado em áudio, buscando rememorar sua trajetória de formação e sua constituição enquanto docente da Educação Básica.

Pelos relatos podemos observar que a maioria dos docentes provinha de uma condição de pobreza, percorriam grandes distâncias para conseguir estudar e muitos frequentaram colégios confessionais. Outro ponto muito destacado nas entrevistas era o importante papel que os docentes desempenhavam nas comunidades onde atuavam, pois eram tidos como autoridades. A maioria dos pesquisados se constituiu enquanto professores na prática de sala de aula. Assim, entre erros e acertos, criavam estratégias para trabalhar com os alunos as quais se constituem em importantes subsídios para se pensar a docência no contexto do sudoeste paranaense especialmente entre os anos de 1950 e 2000.

A escolha desse período se deu devido a ocupação recente desta região que até os meados do século XX era motivo de disputa entre brasileiros e argentinos. Pelos relatos coletados e pelos documentos até aqui reunidos percebe-se que havia uma preocupação com a educação das crianças. No entanto o grande obstáculo eram as distâncias e a falta de professores. Jovens recém-formadas que viviam próximo a capital do estado dificilmente iriam se submeter a condições precárias de trabalho.

Por esse motivo houve o convite às pessoas das comunidades que demonstravam dominar, ainda que precariamente, alguns aspectos da leitura, da escrita e do cálculo para assumir as escolas tanto nas pequenas cidades como no campo. Grande parte dos professores sem formação específica para a tarefa que desempenham acabava por improvisar e buscar em meio a suas dificuldades formas de desenvolver o trabalho pedagógico a eles confiados. Nesse processo alguns, mesmo que com grandes dificuldades, conseguiram retomar os estudos e concluíram os cursos enquanto lecionavam.

História, educação e memória

A pesquisa educacional das últimas décadas do século XX vem apresentando uma rica diversidade de temas, abordagens e métodos de investigação, além disso, cada vez mais um intenso diálogo com outras áreas do conhecimento permitiu ao pesquisador vislumbrar novas possibilidades de interpretar as experiências educacionais inseridas em diferentes espaços e tempos. Houve um significativo avanço da pesquisa etnográfica que influenciada pelos métodos de investigação da antropologia permitiu ao pesquisador estabelecer uma nova relação com seu objeto de pesquisa. Antes, pela forte influência do positivismo, predominava a ideia de uma

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Realeza, Paraná, Brasil. E-mail: ronaldo.garcia@uffs.edu.br.

imparcialidade entre o objeto e o pesquisador que na prática não havia. Foi questionando estas concepções e propondo novas possibilidades de pesquisa que surgiu a pesquisa qualitativa.

Pensar sobre os processos de formação docente implica no trabalho de investigação sobre as memórias de professores e gestores que de alguma forma vivenciaram experiências de escolarização, e que embora mantivessem relação com as políticas nacionais de educação, possuíam fatos e singularidades que revelam muito do contexto histórico, social, político e econômico local e regional. Como afirma Lelis (2001) o estudo sobre os saberes docentes é muito recente no Brasil, pois teve as primeiras publicações sobre o tema na década de 1990. Grande parte desses estudos foi influenciado por trabalhos de autores como Antônio Nóvoa (1995), Tardif, Lessard e Lahaye (1991) que chamam a atenção para a importância da experiência que os professores constroem ao longo de sua trajetória docente envolvendo elementos de diferentes naturezas espacotemporais.

Para a identificação dos diferentes fatores de ordem pedagógica, social, política e cultural que influem na condição do “ser professor” é importante um trabalho que busca registrar as memórias dos docentes que vivenciaram diferentes projetos de formação (inicial e continuada) e experiências que acumularam ao longo de suas trajetórias. Os saberes construídos ao longo de sua vida profissional são indicadores que trazem novos subsídios para pensar a formação na região sudoeste.

O grande problema deste tipo de pesquisa é valorizar um ou outro aspecto e deixar de lado outras questões importantes, como priorizar os impactos sociais e políticos e deixar de abordar a dimensão do pedagógico ou vice-versa. Como lembra Lelis (2001): “Se estas questões podem contribuir como bússolas em nossas pesquisas, certamente será a experiência prática e concreta, com a ajuda do passado que nos ajudará a buscar novos objetos, novos problemas, novos idiomas pedagógicos” (p. 54).

O trabalho de campo resultou em dez relatos gravados em áudio com professores aposentados e ex-gestores das cidades de Realeza e Santa Izabel do Oeste, ambas localizadas na região Sudoeste do Paraná. No momento das entrevistas buscou-se um clima em que o colaborador ou colaboradora se sentisse á vontade para buscar em suas memórias lembranças de sua formação (inicial e continuada), bem como de suas práticas como professores. As entrevistas foram semiestruturadas, com um pequeno roteiro norteador. Antes da coleta dos relatos, os possíveis depoentes eram previamente contatados e indicavam a disposição ou não de colaborar com a pesquisa.

Formação e inserção na docência

Devido a escassez de registros históricos sobre a educação na região Sudoeste elegeu-se a História Oral como forma de construir fontes alternativas. Desta forma, além de valorizar as narrativas de pessoas que ajudaram a construir a educação nessa parte do Paraná, nos permitiu dar voz a indivíduos que no anonimato de suas funções tiveram um papel significativo na implantação das escolas e ocupação desta região. Verifica-se assim uma crescente relevância do papel do indivíduo no processo social e abertura crescente ao uso de fontes orais. Como mencionou Ferreira:

A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral. Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o “indescritível”, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas “muito insignificantes” - é o mundo da cotidianidade - ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita (1998, p. 27).

A fim de preservar e resguardar os interesses dos e das colaboradoras desta pesquisa, seus nomes dos não foram mencionados no texto do trabalho. Por esse motivo para identificá-los optou-se pelo uso de codinomes relacionados às flores da região (Hibisco, Três Marias, Manacá da Serra). A escolha se deu aleatoriamente para marcar o discurso dos participantes..

De uma maneira geral os docentes relataram sérias dificuldades para estudar desde a infância. Filhos de agricultores e pequenos proprietários que tinham os filhos como essenciais para o trabalho no campo, a escola não era vista como uma prioridade, salvo alguns casos. Para os poucos que buscavam estudar, para além da escola elementar, as dificuldades eram grandes. Como era o caso das longas distâncias a serem percorridas para chegar até a instituição escolar, a pobreza e a falta de recursos dos pais forçavam aqueles que quisessem estudar a buscar alternativas diversas e principalmente a ausência de instituições públicas na região.

[...]o professor passava a cavalo na casa do meu pai... [...] em 1957[...] Eu devia ter 11 anos, fomos de caminhão nuns quinhentos mais o menos. Lá era... que nem quartel só a única diferença e que a gente rezava tinha hora pra tudo e tal. Agente terminou o quinto ano na época era quinto ano em Vila Flores dai pra você passa pro ginásio, você fazia o curso de admissão tinha que prestar um exame se tu passasse... Se não, ficava no quinto ano de novo. Ai a gente ia pro ginásio na época... Veranópolis fiz na época, era primeira, segunda, terceira serie do ginásio. De lá eu fui pra Vacaria... Vila Ipê. Ai fizemos o a quarta serie que seria a oitava hoje. Dai fizemos mais dois anos de segundo grau. Era o científico, era só o que existia na verdade na época ai tivemos um ano em Garibaldi de noviciado [...]Ai depois de lá fomos pra Amaral... Amaral a gente terminava o segundo grau. Ai fomos pra Ijuí que era a faculdade de Filosofia. E nos fizemos em três anos que a gente estudava sábado de manhã e sábado de tarde também... Dai fizemos em três anos. Para eu ser padre eu tinha que ir fazer Teologia em Porto Alegre na época, mas dai eu resolvi sair (Hibisco).

Bom, a escola que eu estudei era colégio particular de freira, mas eu não estava lá num colégio vocacional, eu estava num colégio que as famílias que tinham um pouquinho mais, que podiam encarar (risos), eles colocavam as filhas lá no colégio das irmãs na cidade de Palmas [...] O estudo lá era muito bom, as irmãs tinham formação já naquela época que onde eu morava não tinha nem escolinha é, então eu tive um primário de primeira qualidade, muito bom, muito bom o estudo que eu tive lá com aquelas freiras (Três Marias).

Percebe-se nos relatos que os sujeitos construíam diferentes estratégias para estudar que por sua vez estavam relacionadas com o desejo de ascensão social. As famílias que reconheciam no acesso à educação uma oportunidade de uma vida melhor se utilizavam de formas variadas para garantir que os filhos estudassem. Entre elas permitir que os filhos ou filhas morassem com algum parente para frequentar a escola. Em um país com uma educação voltada para atender os interesses das classes médias e altas, o acesso à escola ocorria em centros urbanos mais populosos. As regiões mais distantes das capitais e algumas outras cidades mais desenvolvidas concentravam a maior parte das escolas que ofereciam cursos de formação de professores. Dessa forma a ausência de vagas nas instituições públicas, levava muitos a entrarem para a vida religiosa, onde tinham a oportunidade de concluir a educação básica e ingressarem no ensino superior. Depois disso acabavam abandonando a instituição.

A inserção no mercado de trabalho na condição de docente se dava na maioria dos casos antes mesmo da conclusão da Educação Básica. A ausência de professores interessadas em

ministrar aulas em regiões distantes dos grandes centros fazia com que alguns moradores que possuíssem alguma formação fossem logo contratados por prefeituras para ministrar aulas dos mais diferentes componentes curriculares. Pelo que se pode observar o professor poderia ser qualquer pessoa que possuísse um pouco mais de conhecimento sem qualquer outra exigência desde que o cargo fosse preenchido.

[...] Aos quatorze anos surgiu a primeira oportunidade, mas eu estava na quinta ou sexta série na época, para que eu fosse substituir uma professora que estava doente. Sem modéstia eu sempre fui uma aluna dedicada, e a partir desse convite eu fiquei em sala de aula [...] Alguém pergunta porque você foi ser professora, vou parafrasear Carlos Drummond de Andrade que fala assim: quando eu nasci um anjo torto desses que anda por aí falou vai ser gauche na vida vai, e acho que quando nasci um anjo falou vai ser professora na vida (Manacá da Serra).

Os depoimentos revelam ainda que além de alguns conhecimentos básicos havia também outros atributos como saber rezar. Embora essa exigência possa parecer estranha ao trabalho escolar podemos observar nos relatos que havia uma forte presença da religiosidade no ensino. Era comum que entre as atribuições da professora ou professor estivessem alfabetizar, ensinar as operações matemáticas básicas e os ensinamentos religiosos. Como figura importante das comunidades, onde atuavam os docentes, além do trabalho de sala de aula, conduziam festividades religiosas, novenas e até mesmo encomendavam defuntos. Esta é mais uma das evidências de que a instalação de uma escola pública, laica e democrática ainda era uma situação muito distante e esse fato ainda não é um problema superado na maioria das escolas brasileiras.

Considerações finais

Por meio da coleta dos relatos e da análise ainda breve de alguns pontos, percebe-se que já há em mãos importantes materiais para reconstruir a história das escolas na região, principalmente das cidades de Realeza e Santa Izabel do Oeste, que possibilitarão diversas pesquisas na área de formação docente. Ao dar voz aos agentes construtores das memórias educacionais e suas experiências, tem-se a oportunidade de registrá-las. Assim elas não se perdem no tempo, abrindo possibilidades para reflexão sobre a formação inicial e continuada de docentes. Trata-se de uma profissão complexa que exige a apropriação de saberes de diferentes tipos e naturezas.

A pesquisa revelou importantes aspectos que deixam entrever um pouco da prática docente e da concepção de mundo, de sociedade, de homem e de educação que se materializava nas ações, nas práticas de sala de aula e também nos discursos. Desta forma a memória, embora sujeita a esquecimentos, invenções e até mesmo imaginações, exprimem muito do contexto em que está inserida e das relações que estabelecem com os demais sujeitos. Por esse motivo ela não pode ser tomada como algo pronto e que se basta a si mesma. Como toda fonte, a memória também se insinua e lança algumas frestas de luz sobre o desconhecido, mas nunca revela a sua totalidade, uma vez que esta também não existe. Ela é sempre fragmentada, inconclusa, parcial. Ir pouco além do que as lembranças nos deixam ver é o desafio deste e de tantos outros trabalhos que procuram indícios, marcas, detalhes, como disse Ginzburg (1989), de como eram aqueles que nos antecederam no tempo.

Referências

FERREIRA, M. M. et al. **Entrevistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LELIS, I. A. Do ensino de conteúdos aos saberes do professor mudança de idioma pedagógico? **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 74, abr. 2001, p. 43-58.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de suas vidas In: _____. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

TARDIF, M.; LESSARD, C. e LAHAYE, L. Os professors face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e educação**, n. 4, Porto Alegre, Pannônica, 1991, p. 215-233.